

Everaldo dos Santos Mendes
ies.istein@gmail.com

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio. Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas. Reitor do Instituto Edith Theresa Hedwing Stein — ISTEIN. CV: <http://lattes.cnpq.br/6102492484900096>.

Edilmar Cardoso Ribeiro
edilmar.cardoso@uc.cl

Doutor em História da Igreja pela Pontifícia Universidad Gregoriana — PUG. Professor da Facultad de Teología da Pontifícia Universidad Católica de Chile — PUC Chile. CV: <http://lattes.cnpq.br/2238795542793736>.

Viviane França dos Santos
vivianetilha@gmail.com

Mestre em Estudos Interdisciplinares pela Universidade Federal da Bahia — UFBA. Professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador (BA). Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia (EAD) da Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana — UNEF. CV: <http://lattes.cnpq.br/0672028547215740>.

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu
- CEP: 44300-000 – Cachoeira, BA

Caderno Especial - Educação e Cultura 2021

A ARTE DA EDUCAÇÃO VIRTUAL: REFLEXÕES EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS (COVID-19)

RESUMO

Neste escrito, objetivamos refletir sobre o fenômeno da virtualização em processos educativos, delineados em nosso doloroso tempo de pandemia: coronavírus (COVID-19). Para dar o corte necessário à nossa investigação, elegemos o espaço educativo formal de ensino a distância, o que culminou numa pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. No século XXI, o educador — angustiado (ontologicamente) — vivencia o desmoronamento de sua *paideia*: a “liquidez” de saberes e práticas pedagógicas, cumulados historicamente. Diagnóstico: a existência humana é virtual — um projeto (inacabado). Não nos deixemos cair no niilismo. Pedagogicamente, o relatório “**Educação**: um tesouro a descobrir” da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI — produzido para a UNESCO — aponta um caminho: aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver. No que fazer do educador de hoje, o anúncio de uma educação de qualidade possível no ensino a distância caminha *pari passu* com a denúncia da opressão, por parte do Estado e das máquinas de ensinar. No movimento geral de virtualização, militamos por pedagogia latino-americana da esperança (patrimônio inestimável em pecúnia), capaz incluir pessoas humanas — singularmente consideradas — na sociedade contemporânea e na Humanidade.

Palavras-chave:

Existência humana. Virtualização. Pilares da educação. Pandemia de coronavírus (COVID-19). Pedagogia latino-americana da libertação.

MENDES, Everaldo dos Santos; RIBEIRO, Edilmar Cardoso. SANTOS, Viviane França dos Santos. A arte da educação virtual: reflexões em tempos de coronavírus (covid-19). *Revista Formadores*: vivências e Estudos. Cachoeira (Bahia), v. 14, n.3, p 6 - 16, novembro 2021.

1. INTRODUÇÃO

Ensino

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo (PRADO, 2003, p. 118).

No século XXI, um movimento geral de virtualização — “[...] o movimento inverso da atualização [...]” (LÉVY, 2011, p. 17) — vem afetando a informação e a comunicação (alcançando os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência). No eixo do mundo, a virtualização atinge as modalidades do estar junto, a constituição — ontológico-originária — do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual, *ad infinitum*. Pierre Lévy diz que embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização (LÉVY, 2011).

Nos nossos dolorosos dias — abruptamente torturados pela coronavírus (COVID-19) —, demos conta de que o tempo dos “intelectuais de vanguarda” acabou. Na arte da educação virtual, os intelectuais devem aceitar-se como “intelectuais de retaguarda”, atentos às necessidades e aspirações dos cidadãos comuns — dito em linguagem latino-americana: *la gente de a pie* — e saber partir delas para teorizar. De outro modo, os cidadãos estarão indefesos perante os únicos que sabem falar a sua linguagem e entender as suas inquietações (SANTOS, 2020).

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os elevam a novas perguntas (FREIRE, 2018, p. 39).

Político-economicamente, a força e a velocidade da virtualização contemporânea revelam-se tão grandes que exilam as pessoas humanas de seus próprios saberes, expulsam-nas de seu processo de subjetivação, de sua profissão, de seu país. No oco do mundo, os indivíduos são empurrados nas estradas, amontoam-se nos barcos, acotovelam-se nos aeroportos (LÉVY, 2011).

No caso da pedagogia latino-americana e caribenha, a violência dos opressores — que os faz também desumanizados — não instaura uma outra “vocação ontológica” (FREIRE, 2018, p. 33):

a do ser menos. Nas reflexões de Paulo Freire, identificamos que como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos — mais cedo ou mais tarde — a lutar contra quem os fez menos. No plano político-pedagógico, esta luta — “luta de classes” (MARX & ENGELS, 2005) — somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar a sua humanidade, que é um modo de criá-lo, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornem opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos (FREIRE, 2018).

No dizer de Paulo Freire, “[...] aí está a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos — libertar-se a si e aos opressores [...]” (FREIRE, 2018, p. 41). Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos (FREIRE, 2018).

Não há atalhos: “[...] só o poder que nasça da liberdade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos [...]” (FREIRE, 2018, p. 41). Por este motivo, o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Paulo Freire diz que os opressores — falsamente generosos — têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. No seio da sociedade contemporânea, a “ordem” social injusta revela-se a fonte geradora — permanente — desta “generosidade”, que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 2018).

No **Sermão contra os usuários**, São Gregório de Nissa indaga:

Talvez dêsmolas. Mas, de onde as tiras, senão de tuas rapinas cruéis, do sofrimento, das lágrimas, dos suspiros? Se o pobre soubesse de onde vem o teu óbulo, ele o recusaria porque teria a impressão de morder a carne de seus irmãos e de sugar o sangue de seu próximo. Ele te diria estas palavras corajosas: não sacies a minha sede com as lágrimas de meus irmãos. Não dê ao pobre o pão endurecido com os soluços de meus companheiros de miséria. Devolve a teu semelhante aquilo que reclamaste e eu te serei muito grato. De que vale consolar um pobre, se tu fazes outros cem? (SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *apud* FREIRE, 2018, p. 42).

Na fé e cultura cristã, é decisiva a voz profética de Dom Hélder Câmara — ecoada da teologia latino-americana da libertação — no ano de 1971:

Quando a eucaristia é recebida no momento da morte é chamada de viático: é o companheiro para a grande viagem que tem início. Contudo, como denominar a Eucaristia recebida para viver e fazer viver a justiça? Não tenhamos ilusões: o mundo conhece muito bem o escândalo. São cristãos, aos menos de origem, aqueles vinte por cento da humanidade que têm em suas mãos os oitenta por cento dos recursos da terra. Que fizemos da Eucaristia? Como conciliá-la com a injustiça, filha do egoísmo? (CÂMERA, 2014, p. 184).

Na arte da educação virtual, o grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração — como seres duplos, inautênticos — da pedagogia latino-americana de sua libertação:

[...] Somente na medida em que os oprimidos se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. *Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo* [grifo nosso]. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica — a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização (FREIRE, 2018, p. 43).

Pés fincados na América Latina, objetivamos a uma reflexão crítica da práxis histórica da educação virtual em tempos de coronavírus (COVID-19). Por este caminho, optamos por produzir uma

pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, que reuniu os escritos de Paulo Freire, Pierre Lévy e Boaventura de Sousa Santos. Pessoalmente, a experiência de pesquisar significou para nós: “[...] ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez [...]” (MARTINS, *apud* BICUDO, 1997, p. 24).

2. QUE É ISTO — A VIRTUALIZAÇÃO?

Ordenei que tirassem meu cavalo da estrebaria. O criado não me entendeu. Fui pessoalmente à estrebaria, selei o cavalo e montei-o. Ouvi soar à distância uma trompa, perguntei-lhe o que aquilo significava. Ele não sabia de nada e não havia escutado nada. Perto do portão ele me deteve e perguntou:

— Para onde cavalga, senhor?

— Não sei direito — eu disse — só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar: só assim posso atingir meu objetivo.

— Conhece então seu objetivo? — perguntou ele.

— Sim — respondi — Eu já disse: “fora-daqui”, é esse o meu objetivo.

— O senhor não leva provisões — disse ele.

— Não preciso de nenhuma — disse eu — A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa (KAFKA, 2002, p. 141).

Pierre Lévy — no escrito intitulado **O que é o virtual?** [*Qu'est-ce que le virtuel?*] [1995] — parte da oposição, fácil e enganosa, entre real e virtual. No uso corrente, o vulgo costuma empregar a palavra “virtual” para designar a pura e simples ausência de existência, a realidade supondo uma efetuação material — uma presença tangível. Para o autor, o real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização (LÉVY, 2011).

Etimologicamente, a palavra “virtual” origina-se na língua e cultura latina do medievo *virtualis*, por sua vez derivado de *virtus* [força, potência]. No modo de conceber e de fazer filosofia da escolástica, *é virtual o que existe em potência e não em ato*. De acordo com Pierre Lévy, o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado à concretização efetiva ou formal: a árvore está virtualmente na semente. Pensando deste modo, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: “[...] virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 2011, p. 15).

Pela excelência das palavras, cabe ressaltarmos:

[...] O possível já está do constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência. a realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma ideia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica (LÉVY, 2011, p. 16).

Portanto, *o virtual não se opõe ao real, mas ao atual*. Magistralmente, Pierre Lévy reflete que contrariamente ao possível — estático e constituído — o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 2011).

Por “atualização”, Pierre Lévy chama à existência *a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades*. Neste fenômeno, identificamos que acontece algo mais do que a dotação da realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias — um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual. Dito em poucas palavras: “o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: *responde-lhe*” (LÉVY, 2011, p. 17).

Perguntamos, então: Que é isto — a virtualização?

Nas reflexões de Pierre Lévy, a virtualização pode ser concebida como o movimento inverso da atualização [inversão de uma solução exigida por um complexo problemático], que consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma elevação à potência da entidade considerada (LÉVY, 2011).

Do ponto de vista ôntico, a virtualização não é uma desrealização [transformação de uma realidade em um conjunto de possíveis], mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade do objeto considerado: em vez de definir-se por sua atualidade, a entidade passa a encontrar sua consistência essencial em um campo problemático. Por este caminho, virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em definir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular (LÉVY, 2011).

No seu devir [*devenir*] mais originário, a virtualização passa de uma solução dada a um [outro] problema. Transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ôntica. Por esta via, a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Pierre Lévy diz que se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante. Não obstante, ela implica a mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seu processo e de invenção em seu esforço quanto a atualização. Logo, a virtualização é um dos principais vetores da criação da realidade (LÉVY, 2011).

No que tange ao *ex-sistere* humano, uma comunidade virtual pode organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos, nos quais seus membros estejam reunidos pelos mesmos núcleos de interesses e problemas. Na vida intersubjetiva, a geografia — contingente — não constitui mais nem um ponto de partida, nem uma coerção (LÉVY, 2011).

Existencialmente, apesar de “não-presente”, essa comunidade revela-se repleta de paixões e de

projetos, de conflitos e de amizades. Ela existe sem lugar de referência estável: “[...] em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma [...]” (LÉVY, 2011, p. 20). No século XXI, o fenômeno da virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas chamando à existência um meio de interações sociais onde as relações se configuram com um mínimo de inércia (LÉVY, 2011).

Desterritorializados, quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”. Pierre Lévy identifica uma espécie de desengate, separando-os do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário:

[...] É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela [...] (LÉVY, 2011, p. 21).

No êxodo, a virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo e em cores e aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como no caso da comunicação por meio de correio eletrônico). Nos escritos de Pierre Lévy, a sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo — o que não faz do virtual imaginário (LÉVY, 2011).

Na arte da educação a distância [virtual], a virtualização — tal como se manifesta em circunstâncias concretas de coronavírus (COVID-19) — não se revela nem boa, nem má; tampouco neutra. Por mais cruel que se revele, ela se apresenta como o movimento mesmo do “devir humano” — heterogênesse — do humano, singularmente considerado. Nas nossas práticas político-pedagógicas, antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, esforcemo-nos em apreender, pensar e compreender em toda a sua amplitude a virtualização, pois o sofrimento de se submeter à virtualização sem compreendê-la é uma das principais causas da loucura e da violência de nosso tempo (LÉVY, 2011).

3. A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?” (JESUS, 2014, p. 174).

No século XX, educadores do mundo todo traçaram orientações fundamentais sobre a educação mundial, copiladas no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, intitulado **Educação: um tesouro a descobrir** (1996). Para o educador de hoje — imerso no cenário de pandemia: coronavírus (COVID-19) —, pautar-se em tais orientações constitui *conditio sine qua non* para a arte da educação virtual contemporânea (DELORS, 1998).

Poeticamente, Jacques Delors — Presidente da Comissão — escreve nas primeiras páginas do presente documento:

Para atribuir um título a este relatório, a Comissão recorreu a La Fontaine e a uma das suas fábulas “O lavrador e seus filhos”:

“Evitai [disse o lavrador] vender a herança,

Que de nossos pais nos veio

Esconde um tesouro em seu seio.”

Educação, isto é, tudo o que a Humanidade aprendeu acerca de si mesma. Atraído um pouco o poeta, que pretendia fazer o elogio do trabalho, podemos pôr na sua boca estas palavras:

“Mas ao morrer o sábio pai

Fez-lhes esta confissão:

— O tesouro está na educação” (DELORS, 1998, p. 31-32).

No século XXI, a educação, para poder dar respostas concretas ao conjunto das suas missões, deve organizar-se (virtualmente) em torno de quatro aprendizagens fundamentais — harmônicas entre si — que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:

[...] *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes [...] (DELORS, 2003, p. 89-90).

É como diz Gilles Lipovetsky: a verdadeira sabedoria é fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas humanas, singularmente consideradas (LIPOVETSKY, 2016).

Na arte da educação virtual, a educação deve ser concebida como a preparação para o sentido de comunidade (*Gemeinschaft*), na vida pessoal e com a vida pessoal, introduzido a partir desta vida naquilo que existe na sociedade contemporânea (MENDES, 2020). Tais reflexões evidenciam o exposto pelo pensamento de Martin Buber, no qual “[...] a educação para a comunidade não pode ser teórica, ou em termos mais claros, a educação para a comunidade só pode ocorrer através da comunidade [...]” (BUBER, 1987, p. 89-90).

Na sociedade contemporânea — “líquida” (BAUMAN, 2001) ou “volátil” (LIPOVETSKY, 2016) — vão desaparecendo os pontos de referência a partir dos quais se possam construir — individual e socialmente — as pessoas humanas. De acordo com o Papa Francisco, parece que hoje a “nuvem” seja o novo ponto de encontro, caracterizado pela falta de estabilidade, já que tudo se volatiliza e, conseqüentemente, perde consistência (FRANCISCO, 2018).

No escrito intitulado **A cruel pedagogia do vírus** (2020), Boaventura de Sousa Santos — sociólogo contemporâneo português —, partindo da questão atual do debate enfrentado nas ciências sociais sobre se a verdade e a qualidade das instituições de uma dada sociedade se conhecem melhor em situações de normalidade — situações de funcionamento corrente — ou em situações excepcionais, de crise, indaga que potenciais conhecimentos decorrem da atual pandemia. Na década de 1980,

instalou-se no mundo um permanente estado de crise, à medida que o neoliberalismo se impôs como a versão dominante do capitalismo, sujeitando-se à lógica do setor financeiro (SANTOS, 2020).

[...] Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é, por sua natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada, e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos factores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto [...] (SANTOS, 2020, p. 5).

Não nos deixemos enganar: indubitavelmente, o fim ao qual a “crise permanente” tende é não ser resolvida, pois objetiva legitimar a escandalosa concentração de riquezas e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. Nos últimos dias da humanidade, a COVID-19 vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita, de modo especial, os indesejados (SANTOS, 2020).

Historicamente, os modos dominantes de vida — trabalho, consumo, lazer e convivência — e de antecipar o fenómeno da morte são relativamente rígidos e parecem decorrer de regras escritas na “pedra da natureza humana”. De fato, a interrupção de uma pandemia exige mudanças drásticas. Etimologicamente, a palavra “pandemia” quer dizer: todo o povo. No caso concreto, a tragédia é que o melhor modo de sermos solidários — entropatizarmos (STEIN, 1985) — uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros — e não nos tocarmos (SANTOS, 2020).

No século XXI, os fins já não justificam mais os meios. Pela primeira vez, registrou-se no Estados Unidos da América — EUA, a primeira economia do mundo, uma diminuição da poluição atmosférica: “[...] Quererá isto dizer que no início do século XXI a única maneira de evitar a cada vez mais iminente catástrofe ecológica é por via da destruição maciça de vida humana? [...]” (SANTOS, 2020, p. 7).

Por outra parte, para controlar eficazmente a pandemia, a China — a segunda economia do mundo — acionou métodos de repressão e de vigilância rigorosos. Evidentemente, as medidas chinesas foram eficazes. Politicamente, a China — por muitos méritos que tenha — não tem o de ser um Estado democrático. No século XXI, as democracias estão cada vez mais vulneráveis às *fake News*, o que exige do ser humano de hoje imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa em nível de bairros e comunidades e na educação para a comunidade, orientada para a solidariedade e cooperação — e não para práticas de empreendedorismo e competitividade a todo custo (SANTOS, 2020).

[...] O modo como foi inicialmente construída a narrativa da pandemia nos *media* ocidentais tornou evidente a vontade de demonizar a China. As más condições higiénicas nos seus mercados e estranhos hábitos alimentares dos chineses [primitivismo insinuado] estariam na origem do mal. Subliminarmente, o público mundial era alertado para o perigo de a China, hoje a segunda economia do mundo, vir a dominar o mundo. Se a China era incapaz de prevenir tamanho dano para a saúde mundial e, além disso, de superar eficazmente, como confiar na tecnologia do futuro proposta pela China? Mas terá o vírus nascido na China? [...] (SANTOS, 2020, p. 8).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde — OMS, a origem do vírus em tela permanece indeterminada. Honestamente, não se pode falar de um “vírus estrangeiro” — um “vírus chinês” —, como têm propagado os meios oficiais dos Estados Unidos da América, irresponsavelmente. Para lá do fenómeno da pandemia, identificamos uma guerra comercial — sem quartel — entre a China e o EUA, que terminará com um vencedor e um vencido. Politicamente, o EUA dedica-se à neutralização da China em quatro áreas: o fabrico de telemóveis, as telecomunicações de quinta

geração [inteligência artificial], os automóveis elétricos e as energias renováveis. No eixo do mundo, a coronavírus [COVID-19] provoca comoção diante da vida política de indivíduos em circunstâncias concretas dos Estados, com direitos humanos negados. Para que a pedagogia latino-americana da libertação possa dizer a sua palavra, “[...] talvez baste abrir a janela” (SANTOS, 2020, p. 9).

4. PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O ensino, na modalidade a distância, em nosso contexto atual, pode ser visto como uma forma concreta de se conseguir avançar nos estudos, devido às contribuições e às possibilidades que essa modalidade de ensino proporciona em nossa sociedade.

Assim, é importante enfatizar que essa modalidade contribuiu com a democratização do ensino, pois em sua vasta maioria, não há o impedimento geográfico, tornando possível a flexibilização dos horários e das atividades, enfim, essa modalidade de ensino possibilita às pessoas avançarem nos estudos, pois suas ferramentas são mais baratas e acessíveis.

Nesse contexto é importante lembrar que Jean Jacques Delors, atendendo a uma solicitação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO organizou um relatório da Reunião Internacional Educação para Século XXI assim, apontou quatro pilares da educação (aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser) para o enfrentamento das incertezas que comovem a sociedade contemporânea.

Nesse contexto, quando falamos em educação a distância e no processo ensino e aprendizagem, devemos considerar reflexões importantes, conforme apresenta (LITTO, 2010):

[...] A sociedade está em constante transformação, seja na forma de se organizar, de produzir seus bens, de comercializá-los, seja na hora de ensinar ou aprender. Existe uma grande preocupação com a forma de disseminação do conhecimento, o qual, cada vez mais, é buscado pelas pessoas, nesse sentido, a educação se apresenta como a melhor maneira de obtê-lo. A educação é o caminho fundamental para a transformação da sociedade, que, nos últimos tempos, vem passando por profundas modificações, como a implantação de tecnologias telemáticas de alta velocidade, tendo o objetivo de ter cada vez mais classes conectadas à internet, uma expectativa de trazer soluções rápidas para o ensino [...] (LITTO, 2010, p. 15).

Assim, compreender a educação é, acima de tudo, compreender como ela se manifesta no momento atual, em que possa ser observado o resultado do processo de transformação histórica e social. A educação a distância deve ser ressignificada para que o aluno tenha a possibilidade de se tornar sujeito ativo e ávido por ampliar seus conhecimentos, não se contentando com as informações recebidas como um dado pronto e inacabado.

Na perspectiva de Saviani compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação (SAVIANI, 2008).

Assim, entre aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver aponta-se o quarto pilar, aprender a ser, que envolve a constituição da identidade do ser humano sob a perspectiva de que é necessário educar sob os princípios da ética.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência humana é virtual — um projeto (inacabado). Por outro lado, a ação docente precisa se fundamentar em uma ação consciente, não só em relação aos quatro pilares, mas, sobretudo, no que fazer do educador de hoje, o anúncio de uma educação de qualidade possível no ensino a distância caminha *pari passu* com a denúncia da opressão, por parte do Estado e das máquinas de ensinar. Um eixo alternativo é exercer o aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver. Assim, através disto é possível construir uma visão mais crítica e superadora dos princípios ideológicos do ensino. Portanto, para vivermos numa sociedade justa os alunos de todas as classes sociais precisam viver experiências concretas de uma educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BICUDO, M. A. V. & ESPÓSITO, V. H. C. [Org.]. **Pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1997.

BUBER, M. **Sobre comunidade**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CÂMERA, H. A eucaristia, exigência de justiça social. In: BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Trad. Monjas Carmelitas Descalças do Mosteiro Santa Teresa de São Paulo. Brasília: CNBB, 2014.

COSTA, M. L. F. **Introdução à Educação a Distância**. Maringá: EDUEM, 2009.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir** — Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: CNPq/IBICT/UNESCO, 1998. Disponível em: <https://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/relatorio_dellors.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2020.

FRANCISCO, P. **Discurso do Santo Padre**. Santiago: PUC Chile, 2018. Disponível em: <<file:///E:/Discurso%20do%20Papa%20Francisco%20na%20PUC%20Chile.pdf>>. Acesso em 02 de agosto de 2020.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KAFKA, F. **Narrativas do espólio**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.
- LIPOVETSKY, G. **De la ligeireza: hacia una civilización de lo ligero**. Trad. Antonio-Prometeo Moya. Barcelona: Anagrama, 2016. <http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/001344_de_la_ligereza.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2020.
- LITTO, F. M. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto comunista**. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MENDES, E. S. **O ESTADO EM EDITH STEIN: UMA REFLEXÃO ONTO-TEOLÓGICO-POLÍTICA DA “COMUNIDADE ESTATAL” NA CONTEMPORANEIDADE**. 2020. TESE [DOUTORADO EM TEOLOGIA] — PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, 2020.
- PRADO, A. **BAGAGEM**. 19. ED. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2003.
- SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- STEIN, E. **Il problema dell’empatia**. Trad. E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.